



# POVO ALGARVIO

SEMANARIO REGIONALISTA — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DR. PARREIRA, 13 — TELEFONE 127 — TAVIRA — COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» — TELEF. 266 — TAVIRA

## PROMOÇÃO SEMANA SANTA CULTURAL em Tavira

O equilíbrio social não é o equilíbrio físico. Não é o contrabalancamento de dois pesos. Nem se assemelha ao equilíbrio fisiológico. Não é a saúde dos órgãos agindo coordenadamente.

O equilíbrio social é o robustecimento, a valorização e a contínua consciencialização das pessoas que o constroem. Supõe sempre uma adaptação psicológica ao tempo que vai deslizando com todas as suas mutações, inovações e choques.

E para que possa haver esta adaptação psicológica é necessária haver também cultura, haver um conjunto de meios de desenvolvimento do pensamento da consciência e da vontade. Pode ter-se o dinheiro suficiente para preencher interes-

(Continua na 2.ª página)

### O Jardim-Escola João de Deus em S. Bartolomeu de Messines é uma iniciativa em marcha

A Comissão Executiva Pró Jardim-Escola «João de Deus», em S. Bartolomeu de Messines, procura a todos os títulos dar forma à sua bela iniciativa no sentido de angariar fundos para tal.

Assim, no próximo dia 13 de Abril, (Sábado de Aleluia) num excelente salão cedido generosamente para esse fim, realiza-se uma «Ceia dançante», em que colaborarão o agrupamento musical «Top King's» e um grupo de gentis senhoras messinesas que confeccionarão iguarias e doces para o refinação do repasto.

Todos os pedidos de marcação de mesas poderá ser feita ou por escrito ou para o telefone n.º 13 - S. Bartolomeu de Messines.

É justo assinalar que apenas no espaço de um mês a Comissão já conta com ofertas que ultrapassam a 250 contos.

Por tal motivo a felicitamos, fazendo votos para que não esmoreça da sua bela iniciativa.

## Carta para o Céu

(À Minha Adorada Mãe)

Já devia ter escrito... Mas o braço Treme-me, ainda, ébrio da emoção Dessa hora da tua Extrema-Unção. Em que voaste para além do espaço...

No instante divino desse abraço, Entre a Terra e o Céu, meu coração Ajoelhou na íntima oração Da Via-Sacra deste meu cansaço...

Adormeceste, na suavidade Do olhar de Deus, que guarda todos nós... E os teus filhos, agora, que estão sós,

A Ele vão rogando para, em breve, Pró pé de ti, se o merecerem, leve As suas almas mortas de Saudade!...

Moçambique - 968

VÍTOR CASTELLA

### Domingo de Ramos - Dia 7

11 horas — Na Matriz de Santa Maria do Castelo, Bênção dos Ramos e Missa.

16 horas — Procissão do Triunfo, saindo da Igreja do Carmo.

### Segunda e Terça-feira Santa Dias 8 e 9

21,30 horas — Na Igreja de Sant'Iago, Conferência a cargo do rev. dr. Jorquim Luis Cupertino.

### Quarta-feira Santa - Dia 10

Durante toda a tarde em Sant'Iago, serviço de confissões.

21,30 horas — Última Conferência.

### Quinta-feira Santa - Dia 11

9 horas — Confissões.

17,30 horas — Missa Solene da Ceia do Senhor, Sermão, Lava-pés e Comunhão dos fiéis. Adoração do Santíssimo até às 23 horas.

22 horas — Hora Santa pregada.

A' noite — Visitação das igrejas.

(Continua na 2.ª página)



## A Bem da Língua Portuguesa Salsicha ou Salchicha?

pelo Dr. José Pedro Machado

ESTA última é a que, segundo julgo, com mais frequência se encontra afixada em lugares públicos, pelo menos em Lisboa. Não sei o que acontece

noutras zonas do País, como, por exemplo, na Covilhã, donde me solicita estas linhas o Senhor Lopes Mendes.

Sabemos que muitas vezes esses escritos públicos, particularmente os exibidos pelos comerciantes, traduzem ou pronúncias locais ou hábitos de quem os fez, o que, para a Linguística, tem interessante valor documental. Por outro lado, porém, concorrem para divulgar entre os menos responsáveis lapsos, sobretudo ortográficos, que só com muita dificuldade se conseguem corrigir, quando se conseguem corrigir.

Na verdade, nada pior do que permitir escritas não oficiais em locais públicos, donde naturalmente a aprendizagem do que está errado por quem pouco sabe e por vezes a con-

(Continua na 2.ª página)

## UMA CARTA

A Propósito do Aniversário de João de Deus

Senhor Director

A propósito da passagem de mais um aniversário do nascimento de João de Deus, ocorreu-nos uma conversa que há

(Continua na 2.ª página)

## O "Baião" e o "Peão"

ERAM do sítio do Pinheiro, freguesia da Luz. Já desapareceram do número dos vivos. O «Baião» morreu há anos. O «Peão» morreu há pouco tempo. Duas figuras típicas, dois seres humanos que a sorte não protegeu e que foram símbolo da humildade e da pobreza.

Nunca odiaram alguém. Ambos eram vendedores de peixe. O «Baião» andava com duas canastras ao ombro enfiadas num pau. O «Peão» vendia a mercadoria num pequeno e velho carro puxado por um burro lazarento, o que tudo constituía para ele a sua propriedade inalienável que con-

(Continua na 2.ª página)

## «O ALGARVE»

COMPLETOU 60 anos de vida este nosso prezado colega, decano dos jornais algarvios. Em sucessão de seu pai é dirigido pelo nosso prezado amigo sr. Arthur Serrão e Silva. Por tal motivo desejamos a «O Algarve», muitas prosperidades a bem da defesa da causa regionalista pela qual tem sempre pugnado ardorosamente.

## JURAMENTO DE BANDEIRA

### NO C.I.S.M.I.

NO passado dia 4 do corrente, realizaram-se mais uma vez, com a habitual pompa e elevado espírito militar, as cerimónias do Juramento de Bandeira do 1.º C. S. M.-1.º Turno de 1968, que constaram do seguinte:

### Dr. Fausto Pinheiro

Por motivo da sua promoção e colocação em Lisboa, será oferecido num dos hotéis de Faro, um banquete ao sr. dr. Fausto Pinheiro, há 30 anos radicado no Algarve, onde desempenhou as funções de Presidente da Câmara de Olhão e outros lugares políticos de relevo.

Às 9 horas, Missa na Igreja de S. Francisco, celebrada pelo Capelão Militar.

Às 10,15 h., Formatura Geral.

Às 10,30, Chegada dos Convidados.

Às 10,45 h., Recepção da Bandeira Nacional; Leitura dos deveres Militares; Breves palavras referentes ao acto, pelo Director do Centro; Alocação por um Oficial Instrutor; Ratificação do Juramento de Bandeira; Distribuição de prémios aos Instruendos do 1.º Ciclo, melhores classificados; Continência Final.

Às 11,30 h., Desfile das Forças em parada, perante as Entidades Oficiais;

Às 11,45 h., Desfile pelas principais artérias da cidade; Continência em marcha ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde será postada uma Guarda de Honra.

Às 15 h., Final dos Campeonatos de bola ao cesto e voleibol no campo do Aquartelamento da Atalaia.

Às cerimónias a que assistiram além das entidades oficiais, elevado número de pessoas, foram presididas pelo General Comandante da 3.ª Região Militar e pelo Director do Centro sr. Major Carlos Alexandre dos Ramos.

## TROVA

Uma Cruz, meditação!  
A relembrar o passado,  
Na hora da redenção  
De um Cristo crucificado.

V. P.

## FESTAS DOS SANTOS POPULARES

### EM OLHÃO

É grande a minha saudade  
Do tempo da mocidade,  
Da noite de S. João!  
Quando ardia o alecrim,  
Olhaste tu para mim  
— E ardeu o meu coração!...

Isidoro Pires

É esta saudade de Isidoro Pires que o tempo faz dilatar o coração regionalista, que queremos transplantar para a realidade dos nossos dias. E

para isso um grupo de bairristas olhanense tomou a peito o espinhoso encargo de tornar Olhão um grande cartaz turístico e revivificar as tradições populares que enchem a alma dos nossos avós quando a vida era mais simples e mais genuínos os costumes.

As festas realizadas desde há 2 anos, com o elevado cunho artístico e folclórico que patentearam à massa de forasteiros que aqui atraíu, são garantia do esplendor que é timbre de Olhão dar aos seus festejos.

Está já a trabalhar a Comissão de Festas deste ano e o mínimo que pretende oferecer de diversões são as noites de 22, 23, 24, 28, 29 e 30 de Junho.

Carros alegóricos requintadamente decorados, marchas populares regionais, féricas iluminações, concurso de montras, ornamentação de ruas, bailes de roda e desgarradas, dançings e feira de artesanato, luta de carretilhas e fogos de artifício, e ainda outras atracções de cartel, constituem o recheio das festas Joaninas com que Olhão pretende brindar os turistas que vêm pisar o solo

(Continua na 2.ª página)



Aspecto de um Juramento de Bandeira no Quartel de Tavira

## Jornal do Algarve

COMPLETOU mais um aniversário este nosso prezado colega, fundado pelo saudoso jornalista José Barão, que se publica em Vila Real de Santo António e é presentemente dirigido por seu filho sr. António Barão. Felicitamo-lo bem como a todos os seus colaboradores com votos de muitas prosperidades, em prol da defesa do nosso Algarve.

## O "Baião" e o "Peão"

(Continuação da 1.ª página)

servou até à morte. Divertiram muita gente com as suas piadas e respostas aos gracejos que lhes eram dirigidos. Conheci-os bem de perto, com eles falei muitas vezes. Eu também gostava de ouvir as suas expressões simples e hilariantes, mas, intimamente, condoia-me sempre a sua pobreza, pois pela vida fora nunca o destino foi para eles generoso. Um proprietário do sítio, falecido há muitos anos, não os esqueceu enquanto vivo. Matou-lhes muitas vezes a fome em dias de inverno, quando nada ganhavam. Tinha dó deles e lamentava a sua vida de penúria, procurando em diversas ocasiões dissuadi-los de continuarem a viver assim, vendendo meia dúzia de peixes, por assim dizer, para usufruírem uns magros tostões. Prometia dar-lhes trabalho permanente nas suas propriedades, mas eles, agarrados à sua profissão predilecta, hesitavam em aceitar a promessa e lá continuavam a fazer o seu importante negócio de peixe... Coitados. A sua pouca compreensão não atingia um ponto mais alto na capacidade intelectual do homem.

Um dia, o «Baião» foi parar ao Tribunal acusado de um crime fútil. Quando soube que estava processado e iria responder, chorou com receio do que poderia suceder-lhe. Correram as lágrimas pelo seu rosto bochechudo, como se fosse uma criança. Lastimava a sua infelicidade. Mas um jovem advogado desse tempo, que andava em criança ao colo do «Baião», quando este era criado de lavoura de pessoas da sua família, ofereceu-se para o defender em Juízo. Conseguiu a absolvição, dadas as atenuantes e a falta de prova que militavam a favor do réu. Este ao ter conhecimento da sentença absolutória que antes chorara de medo, agora chorara de alegria, dizendo um tanto ou quanto trémulo ao seu defensor: «Quando eu andava com o menino ao colo, não pensava que mais tarde viria a defender-me neste palácio onde a gente — valha-me Deus Nosso Senhor! — sente as pernas tremerem». E, assim, muito contente, o «Baião» lá foi caminhando para a sua choupana à beira-rio.

Victor Hugo escreveu no prefácio de um dos seus livros: «Le Monde marche». É a realidade a que todos têm de se curvar. Hoje, o «Baião» e o seu antigo e jovem advogado já não existem. Pertencem ao número dos mortos.

Num dia de frio, o «Peão» montado no seu carro inseparável, foi a casa do referido proprietário, que o apresentava, vender uma partida de linguados. Depois de pagarem o peixe — e bem pago — perguntaram-lhe se queria beber vinho ou aguardente, respondendo que só o consolava um canudo do linto. Bebeu, limpou os lábios grossos de soprar a buzina e disse: «Muito obrigada, este belo xarope vale mais do que o meu valente burro».

Os dois vendedores de peixe não foram felizes, porque eram pobres e fracos de espírito. E não há fracos de espírito que, sendo ricos, não têm felicidade?

P. J.

## A Bem da Língua Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

fusão no espírito de quem sabe alguma coisa, porque, diante do erro repetido, e repetido muitas vezes, acabará por hesitar mesmo no que aprendeu certo.

Deve ser *salsicha* a forma que temos obrigação de usar, porque devemos obedecer aos cânones oficiais da nossa ortografia (e essa pronúncia), se bem que a história do vocábulo nos leve, como vamos verificar, para outro lado.

A sua origem está no castelhano *salsicha*, que, por sua vez, provém do italiano *salcicia*. Esta representa, como tudo o que parece indicar, o latim tardio *salsicia*, forma reduzida de «arta *salsicia*», isto é, «enchidos salgados». Aquele adjetivo *salsicio* provém do latim *salsus*, «salgado».

Como se verifica, a preconiização oficial da forma *salsicha* deve-se à crença de que ela provém directamente do latim, o que não é verdade, como se

### Semana Santa em Tavira

(Continuação da 1.ª página)

#### Sexta-feira Santa - Dia 12

10 horas — Em Sant'Iago, Via Sacra e confissões.

15 horas — Celebração litúrgica da Paixão e Morte do Senhor, Pregação e Comunhão dos fiéis.

21,30 horas — Procissão do Enterro do Senhor e Sermão da Soledade.

#### Sábado Santo - Dia 13

10 horas — Confissões.

22 horas — Vigília Pascal com renovação das promessas do Baptismo e Missa da Ressurreição.

#### Domingo de Páscoa - dia 14

10,30 horas — Da Igreja de Sant'Iago sairá Solene Procissão do Santíssimo Sacramento. Missa em Santa Maria.

verifica nas palavras anteriores.

Estas são talvez as maiores dificuldades com que luta quem anda na senda do progresso da Língua Portuguesa: saber reconhecer o que é realmente latino no nosso idioma e nessa influência latina conseguir a distinção entre o que é culto e o que nos chegou por via popular e, ainda, saber apreciar o que o nosso idioma deve a outras fontes.

Em resumo, oficialmente, diga-se e escreva-se *salsicha*, se bem que, cientificamente, fosse preferível dizer e escrever *salchicha*.

José Pedro Machado

(Com o patrocínio da Sociedade de Língua Portuguesa — Rua de S. José, n.º 41, 2.º - Lisboa).

### Agradecimento

A família de **Maria dos Mártires Peres**, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem por este meio, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e bem assim às que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

## CASA VENDE-SE

No largo do Cano, n.º 30 e 31, com 6 divisões e quintal, com poço de boa água.

Trata-se na Rua da Liberdade, 46 — Tavira.

## VENDE-SE

Casa com 5 divisões, sita na Rua do Forno, n.º 35.

Quem pretender, tratar na Rua Dr. Parreira, n.º 90 - Tavira.

## Promoção Cultural

(Continuação da 1.ª página)

ses; pode aplicar-se o excedente em actividades cuja finalidade seja a de ornamentar a sociedade em que se vive, mas se não existir a capacidade de compreender a exigência que nos cerca, se não houver cultura, todo o progresso será afinal uma aparência e todas as boas intenções apenas trabalharão para as más lucrações.

Podem construir-se grandes obras, modificar cidades e aldeias, aliciar por força das circunstâncias o comércio e a indústria, mas se as populações não estiverem preparadas culturalmente, será o mesmo que dar um palácio a um misantrópo imundo ou um tugúrio ao que ame a vida em sociedade e para ela trabalhe honestamente. É por mais que se dissuasa esta verdade com mitos e alegorias, o tempo encarregar-se-á de acumular os micróbios da convivência no tecido mais propício à sua acção demolidora, matando sempre onde a morte não se vê.

Equilíbrio social e cultural: binómio que deveria ser tratado paralelamente ao do progresso urbanístico e comercial. Aqui no Algarve. Não me refiro ao vizinho.

De resto a simplicidade e honestidade que caracterizavam a nossa terra irá dando lugar ao nefelibatismo dos vistas-curtas, à concorrência desleal e à ousadia atrevida. Como se amar uma formosa mulher fosse apenas possuir o seu esqueleto. Como se ser cristão fosse apenas imitar a ceia de Cristo na banquetada do amigalhaço.

Penso que não será utópica uma promoção cultural do Algarve, do Algarve que vai deixando de ser provinciano e simultaneamente vai criando responsabilidades sociais sem precedentes na província.

Desejamos então uma cultura que não sirva para luxo mas para garantir o equilíbrio que todos idealizamos.

Carlos Albino

## Festas dos Santos Populares em Olhão

(Continuação da 1.ª página)

algarvio para gozar o fulgor dos santos encantos sem conta.

Eis o elenco a que preside o dr. José de Brito Barbosa:

Secretaria, Manuel Domingos Teramoto, encarregado da publicidade e propaganda; Tesouraria, prof. José Guerreiro; Contabilista, Luciano Dias, encarregado das iluminações; Vogais, dr. Inácio Reis; Américo Dario, diversos e orquestras; Manuel Eufémio Afonso, oficina e estaleiro; João Bruno, marchas populares; António Francelino, estrados e recintos; prof. Armando Dias, feira de artesanato; Arménio Reis, chefe das decorações.

Por si só cu em conjunto, são estes elementos que afinadamente estão a desenvolver animada acção, com outros entusiastas agregados, para poderem responder às responsabilidades que pesam sobre os seus ombros. A onda de entusiasmo que se vai desencadear será a base do esforço para projectar Olhão para a vanguarda do espectáculo Joanino na nossa província.

Olhão aguarda a sua visita e o Algarve oferece-lhe a visão sugestiva das ruelas do Islão, com o sortilégio das mouras encantadas na brancura das casas cubistas doiradas pelo aca-lorado sol, que desenha sombras de arte geométrica nesta terra de águas-velas que a natureza pintou.

## Farmácia Maria Aboim

TAVIRA

Comunica aos seus Ex.ªs Amigos, que por motivo de obras de modernização, se encontra encerrada por alguns meses.

Tratam-se de todos os seus assuntos, na Farmácia Montepio,

## UM CONTO

## O CASAMENTO da PARDALINA

(Para o meu neto-afilhado Rui Manuel ler nas férias)

**E**RA ainda nos bons tempos em que os pardais faziam coros com canários e pintassilgos e às vezes se desafiavam a cantar. E nem sempre os pardais eram batidos.

A Pardalina era a filha mais nova daquele casal. Linda, linda como as flores que à noite enrolam as suas corolas para só mostrarem a sua graça à clara luz do Sol, mas muito fraquinha. Os pais andavam sempre em cuidados especiais com a sua saúde: Eram xaropes, injeções, temporadas no campo entre os pinhais. Por isso mesmo os seus afazeres eram reduzidos: tocava um pouco no piano, cantava para os irmãos, fazia rendas para as suas combinações e o resto do tempo debruçava-se da janela a mirar quem passava pela rua concorrida. Foi assim que um dia a viu o Pardalesco.

Viu-a e nunca mais pôde deixar de a ver tão encantado por ela ficou. E para ela o Pardalesco passou a ser a luz do seu sol. Quando o tinha à sua beira, sentia-se mais forte, esquecia os seus queixumes e nem a chuva nem o vento a incomodavam. Os pais da Pardalina eram abastados capitalistas. Só em ninhos que possuíam por muitos telhados e paredes era imensa a sua fortuna. O Pardalesco era arquitecto, com escritório montado e não havia pardal de dinheiro que não lhe desse as plantas dos seus ninhos apalaçados. Por isso ganhava muito bem com que viver. Era novo, bonito, trabalhador e inteligente. Combinou-se para breve o casamento. A maior dificuldade foi a escolha do local para a sua morada. Pensaram em se instalar no capaceté do D. José, no Terreiro do Paço. Mas os ares húmidos do rio faziam mal à menina. Rejeitaram o alto da Avenida pela muita balbúrdia e a família pardalesca não ser dada a estúrdias nocturnas. Pensaram no campo mas isso prejudicava a vida do senhor arquitecto. De modo que vieram a assentar que fosse num telhado debruçado sobre o Jardim da Estrela que era ponto central e faziam bem os ares à Pardalina. Combinou-se o dia do casamento e que o local da cerimónia fosse na catedral de uma das árvores da Praça Camões, sob o olhar do grande poeta. No dia e hora combinada paravam nas ruas as pessoas a olhar para tanto pardal que de todos os lados acudiam a um ponto certo que era a casa da noiva. Depois um bando enorme que toldava o céu levantou vôo e convergiu para a Praça. Andavam os homens intrigados sobre o que seria. Por modéstia os noivos não haviam querido que os jornais dessem a notícia e os fotógrafos os incomodassem. A noiva ia linda. Cobria-a um vestido branco de penas de gaivota com frisados de penas de avestruz. Numa das mãos um grande molho de flores de laranjeira, de que também tinha uma grinalda circundando a testa. O noivo ia de casaca preta, de penas de corvo, na boteeira uma pena de pavão e na gravata uma grande pérola de bago de milho. O bispo D. Pardalão, de mitra e báculo, abençoou aquela união e fez uma pregação que comoveu todos e fez chorar muitos. O copo de água foi já na casa dos noivos. Nada faltou —, desde os grãos de trigo às migalhas de pão de ló.

Canários e pintassilgos cantaram como nunca haviam cantado e até um rouxinol, que parecia ter na garganta todos

os violinos do Céu, cantou como se no Céu estivesse. No final a noiva tocou no piano uma ária sentimental. Foram-se despedindo os convidados. Prendas que tinham oferecido enchiam quartos e salões.

Muitas felicidades desejavam e felizes seriam que era casal talhado um para o outro. Ficaram sós os noivos. No outro dia levantaram-se cedo: o noivo tinha trabalho de prensa e responsabilidade que não admitia demoras nem substituições. Dirigiu-se para o escritório. A cada passo que dava voltava a cabeça, olhava, sorria, fazia adeus. Debruçada dum janela a Pardalina acenava e limpava uma lágrima que teimava em cair. Tão embevecida estava naquela despedida de poucas horas que nem deu pela aproximação de um gato vadio que por aqueles telhados andava a mandriar.

Descalço como vinha e em pontas dos pés o gato não fazia barulho. Foi se aproximando a pouco e pouco. De repente, deu um salto, filou a pobre Pardalina que soltou um pio, estrebuchou e lhe morreu nos dentes que a retraçaram. Foi para toda a pardalada um desgosto imenso.

Desde então os pobres pardais deixaram de cantar e só sabem soltar uns tristes pios que são notas agudas do seu desgosto.

Trindade e Lima

## Uma Carta

(Continuação da 1.ª página)

já bastantes anos tivemos, no comboio, com uma senhora idosa de Messines com quem, casualmente, travámos conversação.

Disse-nos então essa senhora, o que se verificou ser verdade, que a casa que tinha a lápida como sendo aquela onde o Poeta nasceu não o era e sim outra de construção mais modesta.

Contou-nos também e não sabemos se isto tem confirmação, que estando o Poeta na sua aldeia, concentrado e abstracto, a mãe lhe dissera que tinha pena de o ver assim, sem repararem nele, enquanto os outros rapazes despertavam a atenção de toda a gente, principalmente das raparigas.

João de Deus ouviu e saiu, voltando depois dizendo para a mãe: «Dizia que ninguém reparava em mim; agora todos me olham». Olhando para ele a mãe viu então que tinha rapado metade da barba, deixando a outra parte por fazer.

Conhece alguém este episódio que, a ser verdade, confirma o feito boémio e despreocupado do insigne Poeta?

Desculpe-me, senhor Director, o espaço que lhe roubo.

Assíduo leitor

## PRÉDIO VENDE-SE

Bom para pousada ou indústria hoteleira.

Informa o Solicitador Cesário — TAVIRA.

## Trespassa-se

Grande estabelecimento na Rua da Liberdade em Tavira.

Com ou sem recheio, estantes, balcões, balança, etc.

Trata e dá indicações o Advogado Eduardo Mansinho — TAVIRA.

# GENTE GRADA DA VILA DE OLHÃO E SEU TERMO

(6)

por ANTERO NOBRE

## Capitão Manuel Luiz

Marítimo olhanense, que em 1808 era já *mestre de barco* e depois daquele ano, em data que se desconhece, foi nomeado capitão da Companhia de Ordenanças de Olhão. Quando Domingos do Ó Borrego foi preso, em 1823, por se manifestar contra D. Miguel, Manuel Luiz requereu o provimento no cargo de *Tabelião Público de Judicial e Notas*, que aquele exercia, e obteve esse provimento em 27 de Janeiro do ano seguinte, tendo sido assim o segundo Notário Público que existiu em Olhão. Mais tarde, quando Manuel de Oliveira Nobre foi demitido do cargo de Capitão do Porto de Olhão, igualmente por se manifestar contra D. Miguel, este nomeou, em 7 de Fevereiro de 1832, Manuel Luiz para aquele cargo, que tomou posse em 5 de Outubro do mesmo ano, deixando então o de Tabelião. Desta forma foi também o segundo Capitão do Porto de Olhão. Manuel Luiz foi um dos poucos miguelistas *ferrenhos* que existiram em Olhão; por isso, após a vitória definitiva dos liberais, e a despeito da influência que exercera na sua terra anteriormente às lutas entre *pedristas* e *miguelistas*, não mais se encontra o seu nome em quaisquer documentos dos arquivos olhanenses.

## António da Cruz Charrão

Mareante ou marítimo olhanense, que se notabilizou por ter feito parte da tripulação do caïque *Bon Sucesso*, que foi ao Brasil, em 1808, levar à Corte a notícia da expulsão dos franceses. Desconhecem-se as

## NECROLOGIA

### José Joaquim Parreira de Faria

No passado dia 28 de Março, faleceu nesta cidade o sr. José Joaquim Parreira de Faria, de 94 anos de idade, viúvo, escrivão de Direito, aposentado, natural de Tavira. Era tio do nosso prezado amigo sr. Américo da Cunha Parreira de Faria residente na capital.

### D. Maria da Conceição Marques

No dia 2 do corrente, faleceu no sítio do Vale Caranguejo, a sr.ª D. Maria da Conceição Marques, de 89 anos de idade, viúva do sr. Manuel Pereira Marques, natural de Tavira. A falecida era mãe da sr.ª D. Maria Cândida Marques Romano e do sr. Januário Pereira Marques. Os seus restos mortais foram depositados na igreja de Nossa Senhora do Livramento de onde na tarde de 3 se realizou o funeral com grande acompanhamento.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

## Agradecimento

A família de **Adelina dos Reis Drago**, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem por este meio, agradecer reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e bem assim, àqueles que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

## Manuel Joaquim Agradecimento

A família de **Manuel Joaquim**, vem por este meio, agradecer o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim, àqueles que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

datas do seu nascimento e do seu falecimento e da sua vida praticamente apenas se sabe que D. João VI, em recompensa da sua ida ao Brasil, o nomeou logo *Guardião da Arma* e lhe concedeu, mais tarde, a propriedade do ofício de *Partidor do Judicial e Orfãos* (ou Juiz dos Orfãos) em Olhão, concessão esta confirmada por decreto de 7 de Fevereiro de 1827, tendo sido dispensado do exame de habilitação para o cargo em 7 de Março do mesmo ano e tendo, sido também em 3 de Maio seguinte, autorizado a nomear *pessoa hábil* para o substituir naquele ofício, pois, ao que parece, não sabia ler nem escrever. Em 1850, uma Maria dos Reis Charrão, filha de José Ferragudo e residente em Olhão, que se supõe ser descendente de António da Cruz Charrão, recebia uma pensão anual de 129\$980, que lhe fora concedida em 1825, talvez em atenção por aquele seu antepassado.

(CONTINUA)

## Dos Livros

### As receitas da TV

por Maria de Lourdes Modesto

Está agora ao dispôr do público aquele livro tantas vezes sugerido à autora pela dona de casa — AS RECEITAS DA TV, de Maria de Lourdes Modesto. Apresentado pela Editorial Verbo numa quadra de festa que também se caracteriza como tempo em que se trocam brindes e ofertas, o livro de Maria de Lourdes Modesto é um presente que todas as senhoras gostarão de receber pelo Natal. Nas suas mais de duzentas páginas, de grande formato, estão reunidas cerca de quatrocentas receitas dos cozinhados e azeites que Maria de Lourdes Modesto tem preparado perante as câmaras da nossa Televisão.

Mas, as palavras voam e a imagem, fugazmente difundida, permanece só enquanto a memória visual a detém. Ora AS RECEITAS DA TV corresponde no desejo das admiradoras de Maria de Lourdes Modesto, Vedeta da Culinária, porque é o repetidor fiel do modo como a autora ensinou, ecrans da Televisão, a preparar aqueles saborosos pratos que fazem da «cozinha» familiar ou aparato, uma das prendas femininas mais apreciadas — e torna-se, por isso, um livro de «fazer crescer água na boca».

Verdadeiro manual de bem cozinhar AS RECEITAS DA TV, de Maria de Lourdes Modesto, contém os

## HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## Prédios e Apartamentos no Algarve Vendem-se

Grande moradia em Vila Real de Santo António.

Vivendas na Praia da Manta Rota.

Residências em sistema de propriedade horizontal na moderna urbanização da Horta de El-Rei, no centro da cidade de Tavira.

Quintinhas c/ ou s/ moradia junto à Estrada Nacional.

Tratar com o constructor Josué Rodrigues Rosa, Rua do Brasil, 27 — Telef. 92 em Vila Real de Santo António ou Telef. 334 em Tavira.

## Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — menina Maria Alexandra da Fonseca Pinto Sorumenho, meninos Gabriel Fausto Viegas Correia, Joviano Rodrigues dos Santos, Jorge Humberto Pereira Correia e o sr. Custódio Marcelino Chagas.

Em 7 — D. Maria José Freitas Soares e os srs. Jorge Epifânio Madeira Viegas, Joaquim da Piedade Guerreiro Carepa e Victor Manuel Martins Baioa.

Em 8 — meninas Custódia Dionísia Brito do Carmo, Dionísia Nascimento, D. Maria Pereira Cabrita, D. Maria de Lourdes Lagoas Viegas e o sr. Alfredo das Dores Santos.

Em 9 — menina Maria Noémia Pedro, D. Isabel de Sousa, D. Maria Leonor Gomes de Melo e Horta, menino Carlos Manuel Campina Lopes e os srs. Manuel Ramos, José Joaquim Teresa Agostinho, José Joaquim de Jesus e Arlindo da Silva Fernandes.

Em 10 — D. Maria Diná Marques Romano Farrajota e D. Helena Maria Guerreiro Lata.

Em 11 — D. Maria de Jesus Monchique e os srs. Laurentino Neto Gago, Helder Francisco Figueira Fonseca e Daniel Leal Correia.

Em 12 — D. Maria Lucília Domingues, D. Maria do Carmo Leiria Correia, D. Emília Victória Correia, D. Maria da Estrela Victor dos Santos, D. Maria Francisca Rosa e os srs. Francisco do Nascimento Rocha J.º, Bernardino dos Mártires Mateus, Damião Cândido de Andrade e José Pedro Victor.

### Partidas e Chegadas

A seu pedido foi colocado na Repartição de Finanças de Cascais, o nosso prezado assinante sr. Jorge Costa.

## Livros e Revistas

**Medicina Natural** — Publicou-se o número 5 - 16.º ano, desta simpática revista de naturismo.

**Ciência e Técnica Fiscal** — Publicou-se o n.º 107, deste Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, publicação útil a quantos se dedicam aos problemas fiscais.

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

seguintes capítulos: Sopas, Entradas, Peixes, Mariscos, Aves, Caca, Carnes, Ovos, Massas, Legumes, Arroz, Molhos, Sobromesas, Bolinhos, Bolos, Gelados, Bebidas, Diversos.

Resumindo o interesse de AS RECEITAS DA TV, como livro indispensável à boa dona de casa, apontamos que o receituário e sua maneira de execução é precedido de uma introdução que inclui nomenclatura da bateria de cozinha; breve dicionário de termos de culinária; modo de utilizar o frigorífico; tempos de cozedura; pontos de açúcar; e equivalências.

# ANGOLA - CHAVE DE AFRICA!

COM este título, veio agora a público um livro, da autoria do escritor romeno, Murgu Valahu, tenente na situação de reserva, do Exército do seu país e que já combatera na Rússia.

Conhecendo a Africa, havendo estado no Congo e ultimamente algum tempo em Angola, escreveu este livro que devia ser lido pelos inimigos da nossa Pátria; será até possível que um exemplar seja remetido ao Sr. que parece mandar na ONU, isto para que não continue a ser *cego e surdo*.

E, como é dever da Imprensa, elucidar os seus leitores, e porque nem todos podem ter lido esta obra, não resistimos á tentação de transcrever algumas passagens.

— Quem olhar para o mapa do mundo actual, dificilmente poderá esconder o seu espanto ao contar as possessões portuguesas: Angola, Moçambique, Guiné, as Ilhas de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Timor e o enclave de Macau. Na hora

em que todas as potências coloniais liquidam os seus impérios, apenas Portugal, país de nove milhões de agricultores e pescadores, conserva ciosamente os territórios descobertos pelos seus intrépidos navegadores. Sómente Portugal, país pequeno e pobre, posto de parte, quase ignorado pelas outras nações, continua imperturbavelmente o seu caminho a impor a fé cristã, pela força das armas, se necessário for, reminiscência singular das cruzadas de outrora. Como explicar então este feito sem voltarmos alguns séculos atrás, para interpretar a história portuguesa a fim de desvendarmos a alma de uma nação, estranha talvez mas que, hoje ainda, não tem rival. Ainda pensei haver grande afinidade entre Gregos e Portugueses, ambos cristãos, ambos gente do mar, sempre prontos a partir para os quatro cantos do Mundo, apaixonados por aventuras e amantes do comércio. Contudo, aqueles, porque pensassem exclusivamente nos seus interesses, nunca conseguiram impor a sua fé e as suas leis. Se Portugal levava guerreiros era para acompanharem os comerciantes e missionários, para os protegerem. Como católicos, os Portugueses ardiam de desejo de propagar a sua fé;

Foi nesta altura, a 13 de Abril, que Lisboa, depois duma reorganização ministerial, decidiu intervir urgentemente. Salazar ocupou o Ministério da Defesa e, pronunciou palavras que ficaram célebres: «Para Angola, depressa e em força», mostrando assim com o envio de tropas, a determinação portuguesa de conservar a Província.

No final de contas, qual foi em Portugal o motor da intervenção militar que salvou Angola? A resposta que me davam a todo o momento era simples, demasiado simples, até, para que eu a pudesse aceitar: «Ora! Salazar, evidentemente!». Recordo-me de ter feito esta pergunta durante um almoço oficial ao qual assistia uma dúzia de personalidades portuguesas cuja resposta estereotipada mais uma vez me desconcertou. Com o devido respeito ao Presidente Salazar, e eu tenho a certeza de que este Português por excelência me dará razão, não posso admitir que a sorte de Angola fosse decidida por único homem. É certo que Salazar resolveu o dilema, se dilema havia, ao assinar a ordem de envio de tropas. Porém, indiscutivelmente, tinha em sua volta a maioria de um povo, deter-

minado a conservar Angola, sem falar dos que em Africa, nunca pensaram em abandonar. É difícil saber-se a verdade inteira no que respeita a este ponto pois os portugueses querem poupar a sensibilidade dos seus chefes. Personalidade muito importante na hierarquia lusitana afirmou-me que Angola havia sido salva por um punhado de oficiais plebeus e de nobre estirpe, em quem Salazar se apoiou para ordenar o envio de tropas para Africa. Falaram-me igualmente de uma remodelação ministerial, em 13 de Abril, no momento exacto da crise, quando Salazar assumiu pessoalmente a pasta do Ministério da Defesa. Salazar, como Presidente do Conselho, assumiu então a pasta da Defesa, nomeou o General Deslandes Governador de Angola e o Professor Adriano Moreira, Ministro do Ultramar, esmagando assim um começo de insubordinação e derrotismo.

O segundo assunto preferido pelos inimigos da política portuguesa é o trabalho «forçado». Na verdade, o nome exacto é trabalho contratado, visto que o sistema presentemente empregado consiste no recrutamento da mão de obra agrícola na base de contratos colectivos ou individuais. Depois da abolição da escravatura, Portugal, publicava um código regulando o trabalho indígena, isto já em 1868. Se os chefes rebeldes e os seus amigos africanos acusam injustamente os Portugueses de recorrerem ao trabalho forçado, fazem unicamente para conquistarem o auditório ocidental e por julgarem que um país poderá viver mesmo sem vontade de trabalho. A meu ver a maioria dos Africanos, confunde independência com caridade e preguiça.

Diremos ainda que os Portugueses são muito rígidos em matéria de disciplina e de ordem pública. O temperamento contemplativo e preguiçoso do Negro, a sua tendência para vagabundear e viver á custa dos outros, criam nos centros urbanos, uma massa instável, pobre e perigosa isto tanto em Nova Iorque como em Joanesburgo. Para evitar a formação destes bandos, as autoridades portuguesas exigem a apresentação de um cartão de identidade atestando que o possuidor tem um trabalho definido.

E não seria já tempo, à luz do que hoje se está a passar em Africa, de perguntarmos se os Europeus não terão tantos direitos — senão mais — como os Negros a este Continente? Quem serão os Africanos?, os verdadeiros Africanos? Aquelles que desbravaram a selva, valorizando riquezas desconhecidas dos indígenas, os que debelaram epidemias mortíferas, os que ergueram cidades, construíram estradas, hospitais, escolas, que fizeram da Africa um Continente moderno? ou então a «negritude», tão querida do sr. Leopoldo Senghor, massa de sub-desenvolvidos para não dizermos pior, que se aproveitou da generosidade, do medo e da estupidez do Ocidente para se apoderar dos bens alheios de que eles próprios não sabem sequer tirar partido?

E como este artigo já vai longo, e para não maçarmos muito o leitor, ficaremos por aqui, desejando no entanto afirmar que este livro está feito com o *coração* e com *olhos de ver* dum estrangeiro, que analisa a causa de Angola, duma forma mais sentida do que certos nacionais.

José Rebelo

# Pequenos Apontamentos

## EMIGRAÇÃO

Se os senhores conhecessem a terra que vai dos pendões do concelho de Tavira aos contrafortes dos concelhos de Alcoutim e Castro Marim haviam de se admirar como ali vive gente. Povoados há que ali estão sepultados como no fundo de um poço: só vêm o Sol quando passa no zénite. Por isso o êxodo da população começou de há muito e continua agora mais acelerado.

Vimos que no concelho de Mértola, junto à fronteira, foram detidos vários indivíduos daquela região que se preparavam para emigrar clandestinamente. Muito nos admiraríamos se algum deles não fosse analfabeto, sendo certo que nenhum praticaria qualquer ofício além do trabalhar a terra pelos métodos e com os utensílios dos homens primitivos. Que iam fazer estes homens em terra estranha onde ninguém os entende nem eles entendem os naturais dessas terras? Trabalhar como bestas de carga nos trabalhos pesados e ingratos que os outros se recusam a fazer. Quem os alicia? Indivíduos sem escrúpulos que embolsam o dinheiro que eles arrastadamente conseguem arranjar. Quem os explora lá para onde eles vão? Portugueses também que os enleiam e sacrificam na trama dos seus artificios. Mais de uma vez temos afirmado que é necessário atentar na margem algarvia do Guadiana.

Disse-o já um Secretário de Estado: «é talvez a região mais pobre do País». Por que se não atenta nela procurando meios eficientes para acudir aos seus males? Arborizar a terra, regularizar as suas irrequietas correntes de água, procurar alguma indústria consentânea com os seus meios.

A prosseguir assim o êxodo completa-se e os dramas da clandestinidade continuam.

## DEDICAÇÃO

Aquele nosso colega com uma vida inteira consagrada ao ensino das primeiras letras, teve agora um enfarto do coração que o atirou em perigo de vida para a cama por excesso de trabalho. Mas, dirão muitos que disto soberem, os professores também se cansam nas suas lidas?

Se eles têm tantas férias... E não pensam que essas férias, em atenção mais aos alunos do que a eles, são dadas exactamente pelo peso do seu trabalho. Pois esse nosso colega que já merecia um tranqüilo descanso, só pensa nos seus meninos e na sua escola. Com quem troca algumas breves palavras, porque está proibido de falar, é só para a eles se referir mostrando os seus cuidados. Podem continuar a atirar pedras aos mestres, a zangunhá-los com as suas ironias e calúnias que eles continuam assim: fiéis à sua missão e intrépidos no seu destino.

## AREIA

Temos dito muitas vezes que se os mares e os rios fossem de vinho estavam secos. Há muita gente que não bebe água por temer as hidropisias. Agora aparece-nos uma mulher, algures, que se alimenta de areia. Se a moda pega não teremos canseiras para arranjar o pão nosso de cada dia, mas, o que seria das nossas praias? Valiam-nos, então, as piscinas. Bem sabemos que logo apareceria quem se arvorasse em dono para nos sobrecarregar de encargos, e nem já isso é necessário para em algumas partes, alguns já se armarem em seus proprietários. Ainda se ao menos extraíssem a areia de tanta cabeça que não encerra mais nada, ganhava-se por dois lados: facilidade na aquisição dos alimentos e alívio de tanta maluqueira. Aguardemos com santa paciência e não desanimemos que pode ser que alguma vez venha coisa boa ao mundo.

## DESCANSO

Deus fez o Mundo em seis dias e o sétimo foi para descansar. É para lhe render homenagem que resguardamos o Domingo para repousar depois de seis dias de ininterrupta labuta. É bem verdade que a humanidade criou um tal ambiente de repouso que quase nem temos uma pedra onde posar a cabeça com segurança.

Entretanto, em face dos usos e em face das leis, o domingo é destinado ao descanso. E, todavia, quantos o guardam e reservam para maiores trabalhos, sobretudo as mulheres que, não nos cansamos de afirmar, trabalham mais que os homens. Desviadas nos outros dias pelas oficinas e escritórios, reservam o domingo para arrumar os serviços caseiros: lavagem e engomagem de roupas, que também precisam de pontos, limpeza de móveis, preparação de águas para banhos, etc., etc. Formigas laboriosas não param, nem cansam.

Também muitos homens têm trabalhos suplementares e onerosos ao domingo.

Quantos os destruíam para aliviar o orçamento caseiro que, como os lençóis curtos, nunca cobre todo o corpo. Na nossa freguesia há um povoado do qual é costume afirmar que os homens ao domingo, para descansar vão arrancar pedras.

Trindade e Lima

Este Jornal foi visado pela Censura

# BANDA DE TAVIRA

**S**OBRE o voto formulado na local publicada no passado número deste jornal, quanto à actuação da Banda de Tavira na próxima Procissão do Entero, oferece-se à Direcção de tal organismo informar que a Banda de Tavira se encontra contratada para abrilhantar todas as famosas procissões da Semana Santa de Ayamonte, sendo substituída na Procissão do Entero daqui por uma sua congénere de reputado mérito, já contratada para tal fim.

Este facto, além de revelador da predilecção e do prestígio que a Banda de Tavira disfruta naquela cidade espanhola, o que muito nos honra e desvanece, traduz ainda a interessante receita de alguns milhares de pesetas com que suavizar dificuldades económicas com reparações de instrumental e a aquisição de fardas que, por outra forma, não seria possível, dado que bem pequeno é o número de tavirenses que corresponde com a sua cota para que a Banda de Tavira não acabe.

## A DIRECÇÃO

**N. R.** — À nota acima publicada emanada da Direcção da Banda de Tavira e em resposta ao voto formulado pelo nosso jornal no seu último número, de abrilhantar a Procissão do Entero, da Sexta-Feira Santa, à noite, oferece-nos o seguinte comentário:

Desconhecíamos quando ventilamos tal assunto que a Banda já tivesse fechado contracto para abrilhantar as Festas da Semana Santa, em Ayamonte.

Parece-nos no entanto que a Direcção da Banda antes de tomar tal deliberação deveria auscultar a opinião dos seus associados bem como a da entidade que mais directamente a subsidia.

A predilecção que os estranhos possam ter pela Banda só pode interessar aos tavirenses desde que não haja prejuizo para as suas festividades tradicionais.

Nem mesmo esses milhares de pesetas, que gostaríamos conhecer o seu valor em escudos, que virão quicá atenuar as dificuldades económicas nas reparações de instrumentos e aquisição de fardas, nos parece motivo convincente para que a Banda deixe de abrilhantar a mais bela Procissão da cidade.

Sempre ela lutou com dificuldades financeiras e talvez tocada pelo seu natural bairrismo ou respeito pelas tradições religiosas, nunca deixou de estar presente.

Fica assim aberto um precedente para a Banda em qualquer data festiva abandonar a cidade em proveito de estranhos que embora muito a apreciem.

Se Ayamonte resolver todos os anos fazer as festas da Semana Santa, ficarão os tavirenses privados de ouvir as marchas fúnebres tocadas pela sua Banda, na Sexta-Feira Santa?

Estará certo? Parece-nos que a Câmara Municipal e a Comissão Municipal de Turismo deviam ser as primeiras entidades ouvidas nestas emergências.

Há problemas que não se podem resolver de ânimo leve.

Quedamo-nos por aqui e já que não há outro remédio, lá estaremos para apreciar essa Banda de «reputado mérito», que a vai substituir.

# II GRANDE CONCURSO NACIONAL DE BANDAS CIVIS

**A** F. N. A. T. vai novamente realizar no Continente e Ilhas Adjacentes, o II Grande Concurso Nacional de Bandas de Música Civis, com vista a estimular, nos trabalhadores, o gosto por este género de actividade musical tão rico como elemento de cultura e recreio e a incentivar as próprias bandas e filarmónicas.

Pelo programa que gentilmente nos foi enviado o Concurso será realizado em 4 séries.

Sendo a série A — no ano de 1968 — no Arquipélago da Madeira e Açores.

Série B — Zona Sul do Continente — ano de 1969.

Série C — Zona Norte do Continente — Ano de 1970.

Série D — Final em Coimbra — Ano de 1971.

As Bandas poderão concorrer dentro das seguintes categorias:

1.ª com um mínimo de 35 executantes; 2.ª com 27; e 3.ª com 19.

Eis pois um caminho aberto para estimular a bela arte dos sons que tão mal amparada tem andado nos últimos tempos, vivendo as Bandas exclusivamente do carinho dos seus admiradores.

Prometemos em breve debruçar-nos sobre este assunto.

## Lota de Tavira

Vendas efectuadas no p.º p.º mês de Março nas lotas a seguir mencionadas pelas embarcações que se dedicam à pesca artesanal.

Tavira . . . . . 590.328\$00  
Santo Luzia . . . . . 326.071\$00  
Cabanas . . . . . 47.411\$50  
Soma . . . . . 963.810\$50

# GAZETILHA

## T. V. — Trevas Vividas

*E não se vê patafina  
Aqui nesta região,  
Todos vivem em surdina  
E nunca mais se ilumina  
O écran da televisão.*

*Doze anos tem a T. V.  
E neste abismo profundo  
Todos perguntam porquê?  
Porque é que a gente não vê?  
Vive-se num outro mundo?*

*Às vezes quedo-me absorto  
E só de olhar fico farto,  
Pois considero um aborto  
Esse televisor morto  
Espicado no meu quarto.*

*Se é a T. V. espanhola  
Nesta zona única fonte  
Pra se ver joar à bola,  
Se impõem taxa ao carola,  
Será paga em Ayamonte?*

*Pra que foi tanto aranzel?  
Se a luz não partiu de Olhão  
Pro Cerro de São Miguel,  
Onde uma antena é painel  
Da mais densa escuridão.*

*Estou a ver p'lo aspecto,  
Se já estamos em Abril,  
Que durará tal trajecto  
Há tanto tempo em projecto,  
Até ao ano dois mil.*

*Falar da televisão  
Até parece laracha!  
Diz o povo e com razão,  
Que somente se vê grão  
E com grão se paga a taxa...*

Zé da Rua



## Agenda

### Telefones úteis:

Hospital e Maternidade . . . . .	34
Bombeiros . . . . .	111
Polícia . . . . .	133
Guarda N. Republicana . . . . .	11
Câmara . . . . .	7
Táxis: 81-122-148-152-171-370	
Repartição de Finanças . . . . .	259
Quartel do C.I.S.M.I. . . . .	44
Camionagem de carga . . . . .	158
Camionagem de passageiros. 181	
Serv. Municip. água e luz. . . . .	54
Polícia de Viação e Trânsito 70	

## Vida Religiosa

### Horário das missas dominicais:

Às 8 horas — N. Sr.ª da Ajuda.  
Às 9,30 horas — Santa Luzia.  
Às 11 horas — Santa Maria do Castelo.  
Às 12 horas — São Francisco.

## Misericórdia de Tavira

— Serviços Clínicos para o mês de Abril de 1968.

Enfermarias e Maternidades — Drs. Jorge Correia, Ramos Passos e Dr.ª D. Maria João Correia.

Consulta Externa de Clínica Geral — De 1 a 15, dr. Ramos Passos, às 18 horas; de 16 a 31 dr. Jorge Correia, às 18 horas. (Aos Domingos e feriados não há consultas).

Consulta Externa de Cirurgia Geral — Dias 6 e 20, dr. Renato Mansinho da Graça, às 14 h.

Consultas Externas de Obstetricia e Ginecologia — Às terças-feiras, às 9 horas, Dr.ª D. Maria João Correia.

Consulta Externa de Oftalmologia — Às sextas-feiras às 11 horas, dr. Emílio Campos Coroa.

Consulta Externa de Urologia — Dia 24, dr. Diamantino Baltazar, às 10 horas.

Consulta Externa de Profilaxia Mental — Dia 27, dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Consulta Dispensário do I. A. N. T. — De 1 a 15, dr. Jorge Correia, às 18 horas; de 16 a 30, dr. Ramos Passos, às 18 horas.

Centro de Colheitas de Sangue e Laboratório de Análises — De 1 a 30, Dr.ª D. Madalena de Matos Brás, das 9 às 12 e das 15 às 18 horas.

## CINE-TEATRO

### ANTÓNIO PINHEIRO

Espectáculos da semana:

Hoje — Rita no Colégio. Em complemento, O Mistério de Angkor, m/ 12 anos.

Domingo — em Matinée e Soirée e Segunda-feira em Soirée, Dr. Givago, m/ 17 anos.

Quarta-feira — Uma Restea de Azul. Em complemento, O Rancho do Amor, m/ 17 anos.

### Farmácia de serviço

— Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Montepio.

6

DE

ABRIL



## O GRADEAMENTO

### DA PONTE DE TAVIRA

## OFERECE PERIGO

O gradeamento da velha Ponte Romana, em virtude dos espiques que estão soldados às pedras que lhe servem de base tem oferecido segurança podendo originar a queda ao rio de qualquer pessoa que distraidamente se encoste.

Alguém chamou a nossa atenção para o assunto e aqui fica lançado o aviso aos incautos e sobretudo o pedido a quem de direito para a sua urgente reparação, antes que tenhamos de registar qualquer desastre.

Há que salientar, que por ali se faz a bem dizer quase todo o trânsito da cidade e, que no número dos transeuntes se contam as crianças que gostam sempre de se assomar para o rio.

## Velho Colaborador

UM velho colaborador, amigo do «Povo Algarvio» desde a sua fundação e de longa data do seu director, acicatado por sentimento de ternura e de saudade, resolveu dar-nos nesta Semana Santa, quadra de meditação espiritual, um artigo da sua lavra, prosa viril tão nossa conhecida, em que foca duas figuras populares da Luz de Tavira, já falecidas, para quem o destino foi sempre avaro.

Este velho camarada da Imprensa Regional, é João Picoito J.º, esse ancião, que os novos desconhecem na sua faceta de jornalista, mas que nos acompanhou com verdadeiro estoicismo nesta ingrata missão durante longos anos. Lutador leal, que sempre fez uso da sua pena em defesa da dignidade, da honra, da liberdade e da justiça.

Absorvido pelas responsabilidades duma árdua vida profissional durante largos anos e depois tocado no mais íntimo do seu ser por um desgosto profundo, submeteu-se ao natural mutismo, só agora despertado por recordação saudosa.

Lemos algures que é possível impor silêncio ao sentimento; não é, porém, possível marcar-lhe limites e, por esse motivo, cremos que, de vez em quando, nos dará rumor do seu sentir, porque a vida continua.

## UM OFÍCIO

### DA CASA DO ALGARVE

E' com prazer que transcrevemos o ofício que gentilmente nos foi endereçado pela Casa do Algarve e que penhoradamente agradecemos, fazendo os mais expressivos votos pelo progresso das suas actividades a bem da causa regional.

Senhor Director do Jornal Povo Algarvio — Tavira

A Direcção da Casa do Algarve tem subida honra em informar V. de que a Assembleia Geral da Casa do Algarve, reunida em 21 do corrente mês de Março, aprovou, por aclamação, um voto de agradecimento ao Jornal «Povo Algarvio», pelas constantes e prestimosas atenções com que em seu noticiário distingue a nossa Associação Regionalista.

Apresentando a V. os nossos mais distintos cumprimentos, subscrevemo-nos com elevada consideração.

Muito atentamente

Pelo Presidente da Direcção

José Francisco Correia Matos

## Liga dos Combatentes

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte comunicado:

## COMBATENTES

Para angariação de fundos, está interessada a Liga dos Combatentes, em organizar um festival num dos recintos de espectáculos da capital.

Como se considera que seria de grande estímulo para todos os que estiveram mobilizados a serviço da Pátria, recordar as horas de convívio aí vividas, solicita-se aos antigos combatentes, sócios ou não, que queiram dar à Liga a sua colaboração que se ponham em contacto com a mesma através dos telefones n.ºs 36 82 45 ou 36 82 46, ou na sede na Rua João Pereira da Rosa, 18.

UNIDOS NA GUERRA

UNIDOS NA PAZ

Pela Comissão

Mário de Carvalho Andrea

# FUTEBOL

## Campeonato Nacional da II Divisão

No passado domingo o Portimonense, contra aquilo que se esperava, consentiu um empate em casa com o Sesimbra e o Olhanense foi empatar à Cova da Piedade, com o seu companheiro de infortúnio, conservando assim a mesma posição na tabela.

Para amanhã teremos as seguintes competições: o Portimonense irá até Almada onde tudo pode acontecer e o Olhanense receberá a visita do Alhandra podendo talvez, com um pouco de brio dos seus elementos, libertar-se da fatídica «lanterna vermelha».

E não sendo assim, como só fallam 5 jogos para o final do Campeonato, poder-se-á considerar como quase certa a sua baixa à 3.ª divisão, o pélogo de onde é difícil a libertação.

Se tivéssemos que fazer vaticínios para o totobola, daríamos as vitórias às equipas algarvias e, oxalá que assim seja.

## Campeonato Distrital de Juvenis

Resultado do jogo atrasado efectuado no passado domingo:

Olhanense, 27 — S. Faro e Benfica, 0

O Silves F. Clube foi apurado Campeão Distrital e disputará, juntamente com o Lusitano F. Clube e o S. C. Olhanense, a «Taça Nacional de Juvenis».

## Taça Correção

Esta taça, instituída pela A. F. Faro, para o clube que ao longo da prova, tivesse melhor comportamento disciplinar, foi ganha pelo Lusitano Ginásio C. Moncarapachense, que não teve qualquer jogador castigado nem sofreu qualquer sanção disciplinar, facto que nos apraz registar.

A Direcção da A. F. Faro, deliberou louvar os jogadores juvenis do Sport Faro e Benfica, João Alberto M. Guerreiro, José António C. Campos, Vitor Manuel C. Gaspar, Helder Rodrigues dos Santos, José Manuel Ventura Rodrigues, Francisco Mateus S. Caetano, António Mendes Martins e Filipe Viegas Nobre da Silva, pelo elevado espírito desportivo manifestado no decorrer do encontro que disputaram com o S. C. Olhanense, em 31 de Março passado, a contar para o Campeonato Distrital de Juvenis.

## TOTOBOLA

32.ª jornada — 14/4/1968

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1 Varzim — Porto . . . . .	2
2 Guimarães — Sporting . . . . .	2
3 Barreirense — Académica 2	
4 Setúbal — CUF . . . . .	1
5 Leixões — Braga . . . . .	1
6 Ac. de Viseu — Leça . . . . .	1
7 Famalicão — Tramagal . . . . .	1
8 Gouveia — Espinho . . . . .	x
9 Lamas — Torres Novas . . . . .	2
10 Oriental — Lusitano . . . . .	1
11 Montijo — Atlético . . . . .	x
12 Torriense — Peniche . . . . .	1
13 Almada — Sesimbra . . . . .	1

V. P.

## Rua da Fonte

Encontram-se quase concluídos os trabalhos de reparação da muralha marginal do rio Séqua, na Rua da Fonte, pelo que vai ser totalmente aberta ao trânsito a referida artéria.

## PRÉDIO VENDE-SE

Na Rua Dr. Miguel Bombarda n.º 141 e 143.

Informa e recebe propostas até ao dia 20 deste mês no Café Imperial em Tavira.

Reserva-se o direito de não entregar caso não interesse.